

## O discurso dos *experts* na constituição das identidades infantis e de gênero na mídia impressa brasileira

Cláudia Amaral dos Santos\*

Resumo: O objetivo do trabalho é analisar as diferentes formas como os discursos dos especialistas governam as condutas maternas nas revistas brasileiras sobre a temática infância (*Crescer em Família, Pais & Filhos* e *Meu Nenê e Família*) e como tais discursos operam discursivamente na constituição das identidades infantis e de gênero. Para tanto, foram analisadas 53 edições, do conjunto das três publicações – referentes aos anos de 2000, 2001 e 2002. Para a realização da análise foram utilizados, como referencial teórico, os Estudos Culturais em Educação e os Estudos de Gênero, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista. As revistas em questão foram escolhidas na medida em que desempenham uma função pedagógica e prescritiva, ensinando mães e pais como agir com seus filhos e filhas, quais os comportamentos esperados ou adequados a cada faixa etária e gênero, produzindo subjetividades, identidades e saberes.

Palavras-chave: Especialistas, infância, gênero, revistas.

Abstract: This work aims at analyzing the different ways in which expert discourses rule mothers' conduct in Brazilian magazines about childhood (*Crescer em Família, Pais & Filhos* e *Meu Nenê e Família*), and how these discourses discursively operate in shaping children's and gender identities. We have analysed 53 issues of three publications, from 2000, 2001, and 2002. We have used the Cultural Studies in Education and Gender Studies as theoretical references in a post-structuralist perspective. The magazines were chosen because they have a teaching and prescriptive function, and teaching parents how to behave with their sons/daughters, what the expected/adequate behaviours of each age and gender are, producing subjectivities, identities and knowledge.

Key words: Experts, childhood, gender, magazines.

### Delimitando os caminhos da pesquisa

O objetivo desta pesquisa<sup>1</sup> é analisar as diferentes formas como revistas brasileiras sobre a temática infância (*Crescer em Família, Pais & Filhos* e *Meu Nenê e*

\* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS), na Linha de Pesquisa Estudos Culturais em Educação. camarals@yahoo.com.br

1. Esse artigo é um recorte da pesquisa apresentada na forma de Dissertação de Mestrado (SANTOS, 2004), no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do

*Família*) operam discursivamente na constituição das identidades de gênero na infância. Para a realização da análise aqui proposta, foram utilizados, como referencial teórico, os Estudos Culturais em Educação e os Estudos de Gênero, a partir do olhar pós-estruturalista.

A escolha do material empírico, definido como revistas nacionais do segmento editorial com a temática infância, baseou-se nos seguintes critérios: regularidade de publicação dos títulos, maior tiragem no segmento e facilidade de acesso em bancas e livrarias. A partir de tais critérios, selecionei três revistas: *Crescer em Família*<sup>2</sup>, *Pais & Filhos*<sup>3</sup> e *Meu Nenê e Família*<sup>4</sup>. Como período de abrangência dos textos a serem analisados, foram definidos os anos de 2000, 2001 e 2002, devido à intenção da pesquisa de verificar o que estava sendo publicado, na época, sobre essa temática na mídia impressa brasileira. Tendo definido os títulos e o período de análise, verifiquei que, entre 2000 e 2002, foram publicadas em torno de 100 edições e, desse número, analiso 53, por ter sido esse o número de revistas possível de obter no decorrer dos anos de 2002 e 2003. A partir das edições coletadas procurei olhar como o discurso dos *experts* governa as condutas maternas em relação a seus filhos e filhas e como opera discursivamente na constituição das identidades infantis de gênero.

Como será evidenciado no decorrer deste artigo, as revistas (assim como a mídia em geral) desempenham uma função pedagógica, a partir do momento em que ensinam mães e pais como agir com seus filhos e filhas, produzindo, assim, subjetividades, identidades e saberes. Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 57) explicam que a

*pedagogia da mídia* refere-se à prática cultural que vem sendo problematizada para ressaltar essa dimensão formativa dos artefatos de comunicação e informação na vida contemporânea, com efeitos na política cultural que ultrapassam e/ou produzem as barreiras de classe, gênero sexual, modo de vida, etnia e tantas outras.

Em relação ao estatuto pedagógico da mídia, Fischer (1997, p. 61) afirma que a mídia não pode ser só vista “como veiculadora, mas também como produtora de

---

Rio Grande do Sul, sob a orientação da Profa. Dra. Rosa Maria Hessel Silveira e co-orientada pela Profa. Dra. Iole Faviero Trindade, defendida em março de 2004.

2. A revista *Crescer em Família* é uma publicação da Editora Globo, sendo editada desde 1992. Foram localizadas e analisadas 28 edições.
3. A revista *Pais & Filhos* é editada desde 1968, sendo, na época da coleta das revistas, uma publicação da Editora Bloch (atualmente é publicada pela Editora Manchete). Foram analisadas 9 edições.
4. A revista *Meu Nenê e Família* é publicada pela Editora Símbolo, sendo editada desde 1998. Foram analisadas 16 edições.

saberes e formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos, assumindo nesse sentido uma função nitidamente pedagógica”. Foi esse caráter pedagógico da mídia que me fez escolher as revistas acima citadas como material empírico desta pesquisa.

## Governando a maternidade e a infância

Nas revistas analisadas coexiste uma multiplicidade de discursos em constante luta por legitimação, buscando interpelar novos sujeitos. Da variedade desses discursos especializados, os provenientes das áreas da psicologia e da medicina são os mais recorrentes.

A voz do especialista é marcante em todas as revistas, já que quase todos os artigos são assinados por especialistas, ou estes aparecem como consultores no decorrer da matéria. Um exemplo disso encontra-se na seção intitulada “Palavra de especialista”, presente em algumas edições de *Meu Nenê e Família*. Além disso, os três periódicos possuem ou uma listagem ou um quadro (com fotos) dos especialistas consultados em cada número. Nessa questão, destaco a revista *Crescer*<sup>5</sup>, que afirma estar “aberta a diferentes tendências nas mais variadas áreas da ciência e do comportamento humano. As orientações dos consultores e o ponto de vista dos especialistas não traduzem necessariamente a opinião da revista” (p. 5). Tal afirmação busca demonstrar a diversidade dos discursos que permeiam a revista, não só de especialistas, mas também dela própria, uma vez que a ela se apresenta não só como veiculadora, mas também como detentora de um discurso próprio. Nesse sentido, vale a pena trazer a observação de Fischer (2001, p. 50) de que

todas as “dicas” médicas, psicológicas [...] comunicadas através de inúmeros especialistas de todos os campos do conhecimento [...], ao se tornarem presentes no grande espaço da mídia, não só ampliam seu poder de alcance público como conferem à própria mídia, ao próprio meio, um poder de verdade, de ciência, de seriedade.

A centralidade da figura do especialista nesse tipo de publicação pode ser inferida a partir das prescrições feitas a pais e mães na matéria “O recém-nascido vai para casa”<sup>6</sup>. Ali, afirma-se que “o ideal é seguir apenas as orientações do médico consultando-o quando houver dúvidas”, além de “uma boa literatura, com livros e revistas” (p. 29). Como contraponto a essa visão, é interessante trazer a carta, publicada na revista *Crescer*<sup>7</sup>, em que uma leitora se posiciona contra a forma como o especi-

5. v. 8, n. 91, junho de 2001.

6. *Pais & Filhos*, v. 33, n. 399, julho de 2002.

7. v. 9, n. 98, janeiro de 2002, p. 85.

alista, no caso, da área médica, é descrito como o único a orientar “sabiamente” os pais; conforme as palavras da leitora, que não se apresenta como mãe: “a medicina não é uma ciência exata, pois uma opinião médica é precisamente isso: uma opinião. Não uma verdade, já que nenhum ser humano a possui”. Essa carta mostra o quanto os discursos que circulam nas revistas são múltiplos, mesmo que o espaço para eles seja breve, e o quanto a apresentação de mais um ponto de vista pode contribuir para a imagem da revista como democrática e aberta a posições contrárias e variadas.

Segundo Bujes (2000), com a proliferação dos discursos psi<sup>8</sup>, as mães de classe média têm sido as maiores consumidoras de teorias dessa área de estudos, assim como de jogos ditos pedagógicos. Tais mães são responsabilizadas pelo sucesso ou atraso no desenvolvimento de seus filhos e filhas, assim como de possíveis problemas de conduta destes, devendo, portanto, estar atentas a tudo que dizem e fazem. Um exemplo disso encontramos na matéria “Sessão pipoca ajuda baixinho”<sup>9</sup>, na qual a revista recomenda a mães e pais que apresentem determinados filmes a seus filhos e filhas para que estes/estas resolvam certos problemas que estejam enfrentando. Tais filmes são definidos como “uma verdadeira terapia para a garotada” (p. 62), já que poderiam ajudar a criança em questões como brigas e ciúmes entre irmãos, integração em grupos, dentre outros<sup>10</sup>. A partir da definição terapêutica dos filmes, são apresentados os seus resumos, acompanhados da “dica para a mãe” e da definição do problema para qual o desenho de animação se destina. Nessas dicas é enfatizado o uso didático que a mãe poderia fazer desses desenhos de animação infantil, como, por exemplo, o filme *Mulan*, sobre o qual a revista afirma que é indicado para “pequenos que lidam mal com as próprias limitações” e, na dica para a mãe, pode-se ler: “é legal, no desenho, o conteúdo feminista. *Mulan* é um caso exemplar de rebeldia contra a tradicional e machista sociedade chinesa. Faz o oposto do ‘desejado’ e se sai bem” (p. 64). Por fim, destaco que a abordagem dada a este filme, assim como aos outros também indicados, é reduzida a algumas temáticas, considerando-se que, em se tratando de produções da *Disney*, eles possibilitariam a análise de questões de raça ou etnia, gênero, nacionalidade, etc, já apontadas por outras análises (como por exemplo, Giroux, 2001). Além disso, no que se refere a *Mulan*, a revista destaca o quanto a cultura chinesa é vista como machista, colocando, estrategicamente, o machismo em um espaço e tempo longínquos.

8. Denomino área psi o campo composto pelos seguintes especialistas: psicanalistas, psicólogos, psiquiatras, psicoterapeutas e psicopedagogos.

9. *Meu Nenê*, v. 3, n. 27, julho de 2000.

10. A teoria de que as crianças trabalham seus anseios e medos através das histórias infantis foi popularizada, principalmente, pelo estudo “A psicanálise dos contos de fada”, de Bruno Bettelheim (1978).

Outro material que se endereça às mães são as peças publicitárias *Fisher Price*, nas quais se afirma que “as mães do mundo inteiro já conhecem a *Fisher Price* e os seus brinquedos pedagógicos, feitos por especialistas para ajudar no desenvolvimento das crianças”. Assim, tais brinquedos intitulados pedagógicos recorrem ao discurso da psicologia do desenvolvimento para atrair as mães. Segundo o texto escrito das peças publicitárias, “nossos consultores estudam, estudam, estudam e seu filho é quem aprende”, ou ainda “brinquedos educativos *Fisher Price*. Desenvolvem o potencial do seu filho”<sup>11</sup>. Em outra edição, lê-se: “os brinquedos *Fisher Price* são criados por especialistas que conhecem como ninguém as várias fases da criança”; sobre o brinquedo apresentado na imagem há a seguinte explicação:

o piano de pé oferece estímulos para os movimentos dos pés e das mãos. Com as luzes e os sons associados ao movimento, a criança também desenvolve outras habilidades importantes. Para os bebês que já caminham o brinquedo pode ser retirado do berço e se transformar num verdadeiro piano<sup>12</sup>.

Segundo Luke (1999, p. 166), em sua pesquisa sobre a constituição da infância, da maternidade e da paternidade nas revistas do segmento editorial com a temática da infância, é preciso atentar para

os anúncios dos brinquedos da *Fisher Price*, que assinalam responsabilmente seus artigos com etiquetas relativas à idade adequada para cada criança [...] e [apresentam] orientações sobre as destrezas psicomotoras que, presumidamente, desenvolve o brinquedo de que se trata. [Tal brinquedo] corresponde a um consumidor informado, por regra geral a mãe<sup>13</sup>.

Assim, através de manuais, dicas e receitas sobre o desenvolvimento “normal” infantil, as mães tornam-se pedagogas de seus filhos e filhas<sup>14</sup>, sendo submetidas ao saberes dos especialistas, como no artigo “Bebês especiais – novas formas de tratamento”<sup>15</sup>, em que são expostas novas técnicas para “tratar” os chamados atrasos nas etapas do desenvolvimento infantil<sup>16</sup> e o amadurecimento “anormal” veri-

11. *Crescer*, v. 8, n. 91, julho de 2001.

12. *Crescer*, v. 8, n. 93, agosto de 2001.

13. Todas as traduções aqui realizadas são de minha autoria.

14. Sobre isso, cito as cartas de mães à revista *Crescer* (v. 9, n. 107, outubro de 2002, p. 78 e v. 9, n. 97, dezembro de 2001, p. 9): “Sempre gostei da revista, mesmo antes de me tornar mãe. O Guia é a primeira seção que vejo, para saber se o comportamento de meu filho coincide com sua idade, 1 ano” e “Meu filho tem 2 meses e está com 7 quilos e 60 cm de altura. Gostaria de saber se está dentro do normal”, respectivamente.

15. *Pais & Filhos*, v. 33, n. 396, abril de 2002.

16. A respeito da produção de infâncias diferentes da veiculada pelas revistas, é necessário destacar a revista *Crescer* que, desde o final de 2001, inclui no seu *Guia* (seção sobre desenvolvimento

ficado em algumas crianças. A ênfase dada às etapas do desenvolvimento infantil pode também ser verificada em inúmeros artigos, como *A idade certa para aprender o segundo idioma*<sup>17</sup> e *para aprender matemática e música*<sup>18</sup>. As mães como pedagogas podem ser visualizadas na matéria “Ensine seu filho a pensar”<sup>19</sup>; embora na maior parte do texto escrito seja usado o termo genérico “pais”, em algumas passagens é à mãe que é endereçada a sugestão das ações de estimulação, divididas por faixas etárias. Segundo Luke (1999, p. 175), “as seções especializadas das revistas [de cuidado infantil] não só estabelecem as fases do desenvolvimento infantil, como também, as previsões normativas de orientação psicológica e a responsabilidade social da mãe em relação a essas etapas”. Nos casos descritos acima, a psicologia do desenvolvimento assume o papel central e seus especialistas têm sido, freqüentemente, citados em artigos das publicações analisadas. Assim, idéias como a de “desenvolvimento contínuo” são freqüentes. Um exemplo disso está na matéria “Gente, estou crescendo”<sup>20</sup>, na qual é descrito o desenvolvimento “normal” infantil desde as primeiras horas até o primeiro ano de vida. Além disso, na seção de cartas das três revistas, foram observadas perguntas relativas: às dietas corretas a que devem ser submetidas as crianças; à normalidade (ou não) de alguns comportamentos para determinada faixa etária; às atitudes adequadas diante de certas perguntas e ações; etc. Tais “descrições” do que supostamente uma criança é (ou deve ser) capaz de fazer (que não passam de invenções e que acabam por produzir o próprio sujeito descrito), feitas pela psicologia do desenvolvimento e pela pedagogia, são tomadas como normas, enquanto os comportamentos que se afastam deste modelo são considerados patológicos. Em relação a isso, Dahlberg, Moss e Pence (2003, p. 53) afirmam que

a psicologia do desenvolvimento pode ser vista como um discurso que, além de contribuir para a construção de nossas imagens das crianças e para o nosso entendimento das suas necessidades, contribui para a construção e para a constituição de toda a paisagem da infância.

Buscando questionar a suposta universalidade da psicologia, Woollett e Phoenix (1999, p. 87) afirmam que

tradicionalmente, a psicologia evolutiva tem procurado compreender como se desenvolvem as crianças e qual é o melhor

---

infantil, do nascimento à adolescência) uma subseção “Criança especial”, sobre as crianças com necessidades especiais, a partir de pedidos e cartas de mães especiais, assim denominadas (*Crescer*, v. 9, n. 107, dezembro de 2001, p. 56).

17. *Pais & Filhos*, v. 33, n. 396, abril de 2002.

18. *Meu Nenê*, v. 4, n. 43, novembro de 2001.

19. *Crescer*, v. 7, n. 82, setembro de 2000.

20. *Pais & Filhos*, v. 33, n. 385, maio de 2001.

meio de favorecer esse desenvolvimento. De forma geral, não se têm questionado os valores e as premissas que fundamentam a aceitabilidade dos “dados” do desenvolvimento infantil nem o contexto cultural e histórico no qual se realizaram as investigações.

A Psicologia, como a ciência desveladora dos problemas psíquicos e cognitivos humanos, pode ser visualizada em uma nota que ressalta a sua importância para bebês, pois através dela “sinais observados nos primeiros dias de vida denunciam problemas psíquicos que podem aparecer na fase adulta”<sup>21</sup>. Tais “descobertas” feitas pela psicologia através da observação de um bebê nos primeiros dias de vida desconsideram as relações culturais e sociais nas quais esse sujeito está ou estará imerso, assim como acabam por produzir nele os efeitos que haviam sido “previstos”.

Para atrair o seu leitor, as revistas utilizam-se de dois recursos predominantes: narrativas particulares para introduzir uma questão e, a seguir, a utilização do discurso psicológico informando como mães e pais devem proceder em certas situações. Um exemplo disso encontra-se no artigo “Muito prazer amiguinho”<sup>22</sup>, cujo texto se inicia com uma narrativa sobre o dia em que um pai deixa a casa onde vive com o filho e a esposa, e, algum tempo depois, a mãe aparece com um novo namorado. Com o fim da breve narrativa, inicia-se a exposição mais geral da revista, apoiada na psicologia, para aconselhar e sugerir como deve ser a introdução, no cotidiano da criança, do namorado da mãe ou da namorada do pai, além, é claro, de dicas sobre como fazê-lo sem traumas às crianças. *A Pais & Filhos*<sup>23</sup> também remete a esse assunto através da mesma estratégia: intercala narrativas particulares e discursos de especialistas na reportagem “O namorado da mamãe, a namorada do papai...”. Sobre o caráter produtivo deste tipo de discurso na constituição das subjetividades, Rose (1998) afirma que

as novas linguagens empregadas na construção, compreensão e avaliação de nós mesmos e dos outros têm transformado as formas pelas quais interagimos com nossos chefes, empregadores, colegas de trabalho, maridos, esposas, amantes, mães, pais, filhos/as e amigos/as [...] Nós nos tornamos seres intensamente subjetivos (p. 33).

A esse conjunto de práticas, procedimentos, análises que exercem uma determinada forma de poder sobre a população, Foucault denominou de “governamentalidade”. Esse termo pode ser brevemente compreendido como o poder que se exerce sobre os sujeitos, ou seja,

21. *Meu Nenê*, v. 5, n. 55, novembro de 2002, p. 14.

22. *Meu Nenê*, v. 3, n. 27, julho de 2000.

23. v. 33, n. 387, julho de 2001.

discutir este conceito central em Foucault implica fazer uma análise das mentalidades, da razão e das práticas políticas que moldam nosso presente; implica apontar como os dispositivos de subjetivação foram inventados e mostrar o impacto que têm as práticas de governo sobre os sujeitos (BUJES, 2002, p. 82).

E é a partir da Modernidade que as ciências psi passam a exercer a função de conhecer o sujeito para melhor governá-lo. Dessa forma, os “engenheiros da alma” (aqui descritos como psicólogos, psiquiatras, psicanalistas e médicos em geral) agem de forma indireta sobre as nossas escolhas através de suas verdades legitimadas pela ciência e socialmente valorizadas. A esse respeito, Silva (1995, p.191) nos explica que

as modernas formas de governo da conduta humana dependem, assim, de formas de saber que definem e determinam quais condutas podem e devem ser governadas, que circunscrevem aquilo que pode ser pensado sobre essas condutas e que prescrevem os melhores meios para torná-las governáveis.

Nesse sentido, o governo das almas das crianças, das mães e dos pais é discursivamente produzido pelas revistas, pelos discursos psi e pedagógicos, dentre outros.

### Governando o gênero dos sujeitos infantis

Assim como a maternidade, também a infância, o sexo, o gênero e a sexualidade não possuem sentido fora de um contexto social, histórico e cultural. É nesse sentido que, ao abordar tais temáticas, Louro questiona: “existe um domínio biológico que possa ser compreendido fora do social? É possível separar cultura e biologia?” (1997, p. 44).

Foi partindo desses pressupostos que procurei olhar, nos artigos “Olha quem está falando!”<sup>24</sup> e “Quando eles só querem aquilo!”<sup>25</sup>, o modo como a fala ou a linguagem e a alimentação são — através dos discursos dos especialistas consultados pelas revistas<sup>26</sup>—, em certa medida, normatizados e dicotomizados por gênero. No primeiro artigo, o fonoaudiólogo consultado afirma que “o repertório das meninas é maior, falam durante mais tempo e sua complexidade gramatical supe-

24. *Meu Nenê*, v.5, n. 46, fevereiro de 2002, p. 40.

25. *Meu Nenê*, v. 3, n. 30, outubro de 2002.

26. Nos artigos analisados são citados os seguintes especialistas: otorrinolaringologista, neurologista, psicólogo, fonoaudiólogo, endocrinologista, pediatra e geneticista.



ra a dos meninos”, porque “as mães falam com as meninas o tempo todo, para mantê-las por perto, e aos meninos solicitam a realização de tarefas, para estimular a independência deles”, alinhando-se a discursos que circulam em outros contextos. Além disso, outros estudos, segundo a mesma revista, apontam a ação hormonal como um dos fatores no desenvolvimento da fala, o que explicaria por que “as meninas desenvolvem a fala mais depressa e são mais interessadas em se comunicar; já os meninos são mais quietos e metódicos, classificam bem o que vão falar”. Tais características biológicas fixam os sujeitos em uma identidade – mulheres falam mais e homens são quietos e selecionam o que vão dizer. Será a “ação hormonal” que provoca isso? Será essa distinção universal? Será que todas as meninas e meninos agem da forma descrita? Ou essas são apenas algumas das possíveis marcas de gênero que a nossa cultura imprime nos sujeitos?

Já na segunda matéria, a diferença na alimentação de homens e mulheres é definida nas revistas examinadas da seguinte maneira: “homens adultos tendem a se alimentar mais com comidas ricas em gordura – que é o caso das carnes – as mulheres, decididamente, apreciam pratos com carboidratos, como pães, doces e massas”. Novamente, através de distintas características, homens e mulheres são colocados em oposição e esta é naturalizada pelo discurso da biologia. Tal naturalização – de construções sociais e históricas – é assim compreendida por Bauman (1999): “nada é mais artificial que a naturalidade: nada é menos natural do que se lançar ao sabor das leis da natureza” (p. 15), pois “‘natureza’ significa, afinal, nada mais que o silêncio do homem” (p. 14). Fraga (2000, p. 90) também remete a essa posição ao afirmar que as concepções sociais de gênero estão

alicerçada[s] na idéia de que as identidades culturais são simples imposições naturais, cujos desígnios já estão traçados hereditariamente para cada gênero. Presumia-se (e ainda se presume) que o funcionamento orgânico e as diferenças anatômicas traziam em si distinções que “naturalmente” se aplicavam às condutas sociais.

Um exemplo de como o gênero é inscrito nos corpos infantis é a descrição de uma sala de Educação Infantil em “Gente, estou crescendo”<sup>27</sup>. No exemplo dado sobre as diferenças no desenvolvimento motor, que, segundo a revista, são efeito da evolução do cérebro, são referidos os casos de duas crianças: Carolina e Pedro, ambos com 8 meses. Enquanto este é descrito como ativo (segundo a narrativa, ele engatinhou com um mês!), explorador do espaço – o que já lhe rendeu muitos tombos – e veloz, aquela é descrita como doce, risonha e “vive a vida com prudência”.

27. *Pais & Filhos*, v. 33, n. 385, maio de 2001

A ciência como detentora da verdade sobre os indivíduos também está presente nos artigos “Menino ou menina?”<sup>28</sup> e “Tal pai, tal filho”<sup>29</sup>. No primeiro, a descoberta do sexo do bebê pelo especialista é o marco inicial da definição do gênero do sujeito que ainda não nasceu, pois, segundo a revista, a partir dessa “descoberta”<sup>30</sup> inicia-se uma série de rituais, como: comprar as roupas “certas” (leia-se: azul para meninos e rosa para meninas), decorar o quarto com cores e motivos sonhados, escolher o nome – já marcado culturalmente por gênero –, etc. Dessa forma, a relação entre sexo e gênero é colocada na dependência genética, como se o próprio corpo não fosse uma interpretação social. De forma mais radical, o segundo artigo afirma que “quase tudo é influenciado pela hereditariedade”.

Em “Menino... ou menina”<sup>31</sup>, a ciência também é tomada como depositária da verdade, trazendo a única explicação verdadeira e definitiva. No decorrer do texto escrito, vários especialistas são consultados para “desmistificar” conselhos e métodos de origem popular, como a teoria da “casa da lua”<sup>32</sup>, dietas, datas especiais, posições sexuais que possibilitariam a escolha pelos pais do sexo do bebê, pois “a certeza total só [seria possível através da] fertilização *in vitro*” (p. 22), realizada pelos mesmos especialistas. Outra matéria que exemplifica essa postura assumida pela ciência contemporânea – em especial na área biológica – encontra-se em “Do tempo da vovó”<sup>33</sup>: os cientistas consultados pela revista desmentem as credences populares acerca de alguns cuidados infantis, embora seja enfatizado que “a medicina não responde a todas as dúvidas e é, por natureza, a ciência das verdades transitórias” (p. 24), relativizando de certa forma essas mesmas verdades. Na pesquisa aqui desenvolvida, que assume uma perspectiva pós-moderna, o conhecimento científico não é desconsiderado, porém não é mais entendido como o único espaço de produção de conhecimento e como o único “capaz de compreender a complexidade do mundo e a multiplicidade, a ambivalência e a incerteza da vida” (DAHLBERG, MOSS, PENCE, 2003, p. 41).

A verdade, sempre tão destacada no âmbito do trabalho científico, sendo inclusive identificada como um dos seus principais objetivos, é colocada nos seguintes termos por Foucault (2003, p. 12):

28. *Meu Nenê*, v. 3, n.32, dezembro de 2000, p. 30-32.

29. *Meu Nenê*, v. 5, n. 50, junho de 2002, p. 56-58.

30. Utilizo “descoberta”, pois o sexo é colocado aqui como algo dado pela biologia e do qual o sujeito não pode escapar ou, como afirma Foucault (1982), ao evidenciar a invenção do sexo pelas sociedades ocidentais modernas, é nesse que está a verdade última do sujeito, ou seja, somente a realidade dos corpos é que conta.

31. *Crescer*, v. 8, n. 87, fevereiro de 2001, p. 20-23.

32. A teoria da casa da lua refere-se à posição astrológica da lua no dia da concepção, o que influenciaria na definição do sexo do bebê.

33. *Crescer*, v. 9, n. 106, setembro de 2002.

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos.

Os saberes produzidos pelas ciências, principalmente, nesse caso, as biológicas e psicológicas, devem ser vistos como investidos e resultantes de poder, pois, para Foucault (2002, p. 27),

temos antes que admitir que o poder produz saber [...]; que o poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder.

Exemplos de como a sexualidade infantil é relacionada com o saber e o poder das áreas citadas podem ser visualizados, principalmente, através da seção *Cartas*, em que as mesmas são respondidas pelos especialistas que compõem o quadro de consultores da revista *Crescer*. Trago como exemplo duas cartas. Na primeira, uma mãe escreve o seguinte:

Tenho um filho de 1 ano e meio. Desde bebê ele é bastante sorridente e extrovertido, mesmo com pessoas estranhas. Mas parece ter *preferência* em ser simpático com homossexuais. Isso me incomoda. O que significa esse comportamento?<sup>34</sup>

Na segunda carta, outra mãe pergunta que atitude deve tomar, já que o pai do seu filho é homossexual e a criança tem perguntado se o pai está namorando outro homem<sup>35</sup>. Pode-se perceber também o quanto o tema da homossexualidade provoca medo nos pais, principalmente quando se trata de meninos. Além das cartas também foram encontradas duas pequenas matérias. A primeira, intitula-se “Namoro de brincadeira”<sup>36</sup>, na qual são feitas várias recomendações para as mães e para os pais no sentido de que relembrem às crianças que namorar é exclusivo de adultos, pois “filho não pode ser visto como adulto em miniatura” (p. 8), evitando que os pais reforcem ou incentivem qualquer brincadeira que vá na direção contrária. Por fim, “O despertar da libido”<sup>37</sup>, na qual os especialistas consultados apon-

34. *Crescer*, v. 9, n. 103, junho de 2002, p. 8.

35. *Crescer*, v. 7, n. 82, setembro de 2000, p. 6.

36. *Crescer*, v. 9, n. 103, junho de 2002, p. 8-9.

37. *Meu Nenê*, v. 5, n. 56, dezembro de 2002, p. 78.

tam que as crianças, principalmente as meninas, estão cada vez mais cedo entrando na puberdade em decorrência de vários fatores, dentre eles, a exposição das crianças às cenas de sexo produzidas pela mídia. A partir disso, são endereçadas às mães e aos pais, principalmente de meninas, dicas sobre como falar sobre sexo. Nesse sentido, é interessante ressaltar o artigo de Jane Neckel (2003) sobre a “pedofilização” da sociedade, no qual a autora afirma que a mídia, em especial, tem subjetivado não só adultos, mas também crianças e adolescentes na formação de determinadas identidades de gênero e sexualidade.

O artigo “Sexo frágil? Sexo forte?”<sup>38</sup> inicia afirmando: “quando um espermatozóide fertiliza um óvulo, já está traçado o destino do futuro bebê: ele será um menino ou uma menina” (p. 38). No parágrafo seguinte, prossegue: “meninos e meninas são diferentes, e não apenas na anatomia do corpo. As últimas pesquisas científicas mostram, por exemplo, que a pequena produção de hormônios do feto leva seu cérebro a funcionar de maneira diferente: como menino e como menina” (p. 38). A incorporação do discurso de determinadas pesquisas nas revistas examinadas evidencia quanto “o poder de penetração de um discurso na vida social está associado a sua capacidade de ser visto como algo ‘natural’, tornando imperceptíveis seus efeitos entre aqueles que se encontram capturados” (FRAGA, 2000, p. 97).

Apesar desse início “determinista”, a especialista consultada ressalta que a biologia não explica tudo. Junto com a biologia são enfatizados o ambiente, a cultura e a educação, que vão determinar as diferenças entre os sexos. Para exemplificar como essas instâncias se articulam, a especialista relembra toda a preparação que é feita para receber o bebê, como a escolha do nome, a escolha das roupas e a decoração do quarto. A partir dessa ressalva o artigo tece um discurso inovador em tais publicações, a começar pelo título, já que ao lado das palavras “sexo frágil” está um triciclo, enquanto ao lado da palavra “sexo forte” está uma boneca Barbie. Assim, a revista apresenta exemplos de pais e mães que ou procuram educar de forma diferenciada seus filhos e filhas, ou que se depararam com comportamentos que desafiaram os padrões de educação da família. A matéria, ainda, procura estimular as mães e os pais a proporcionarem todos os tipos de brinquedo para seus filhos e filhas, independente do gênero, pois os meninos também precisam brincar de boneca para aprenderem a ser pais.

Em outros artigos, a dimensão “agressiva” dos meninos encontra-se constantemente referendada. Assim, eles são nomeados como transgressores de limites, com dificuldades de conviver em grupo<sup>39</sup>, ou mais “propensos” (nove vezes mais do que as meninas!) a serem “portadores do Transtorno do Déficit de Atenção com

38. *Crescer*, v. 9, n. 98, janeiro de 2002, p. 38-43.

39. *Crescer*, v. 8, n. 87, fevereiro de 2001.

Hiperatividade”<sup>40</sup>. À carta de uma mãe<sup>41</sup> que pergunta ao especialista da revista se é normal o filho brincar tanto de lutar, responde-se: “Na idade do seu filho, brincar de luta é bastante comum, principalmente entre meninos”.

Naranjo (2003, p. 3), ao discutir as formas como meninos e meninas são tornados sujeitos “genericados”, afirma que:

Desde o início da vida do indivíduo lhe são ensinados e exigidos modelos e comportamentos ligados a seu sexo, o que se manifesta em uma infinidade de circunstâncias da vida familiar (na linguagem, na cor da roupa, nas recriminações – “os meninos não choram”, “as meninas não brincam com armas”, ... ouve-se dizer os pais – , inclusive suas orientações para eleição dos/as amigos/as não estão isentas de conotações de gênero – “não vá com esse menino que é mal educado”, ou “essa menina não me agrada, pois se comporta como um menino” – nas brincadeiras, nos contos, etc.) e, é claro, no contexto social.

Exemplos de como as questões expostas por Naranjo são veiculadas na revistas ora analisadas são as matérias “Crianças em movimento”<sup>42</sup> e “Esporte para o coração deles”<sup>43</sup>, sobre a importância da prática de esportes para o desenvolvimento infantil. As meninas aparecem citadas ou ilustradas como praticantes de balé, natação, patinação, tênis e dança. Já os meninos jogam futebol, com o uniforme da seleção brasileira de futebol; praticam natação, judô e patinação. No final da segunda matéria, consta um *box* intitulado “Pequena bailarina” que se endereça às meninas, como se elas fossem as únicas a praticarem balé, ginástica e dança.

Em outro artigo, “É gol”<sup>44</sup>, o futebol é destacado como um esporte incentivado basicamente pelo pai. Com isso, a revista dá exemplos de vários meninos, assim como suas opiniões sobre o assunto, e diz que “toda essa paixão de Dudu não é muito diferente da de outros meninos. É bem comum eles iniciarem o namoro com a bola a partir dos 4 anos”. Assim, especialistas enfatizam os benefícios motores e psicológicos que o esporte propicia. Devemos considerar que o futebol é caracterizado basicamente como um esporte masculino, que faz parte do “ser” homem, símbolo de masculinidade. Além disso, há um incentivo social para que esses meninos demonstrem suas habilidades (masculinidades) desde muito cedo e, para isso, contam com todo um aparato científico que justifica os benefícios desse esporte, principalmente os de caráter lógico e físico. Para Fraga (2000,

40. *Crescer*, v. 9, n. 101, abril de 2002, p. 48-50.

41. *Meu Nenê*, v. 5, n. 55, novembro de 2002, p. 16.

42. *Crescer*, v. 7, n. 82, setembro de 2000, p. 56-58.

43. *Meu Nenê*, v. 5, n. 48, abril de 2002, p. 42-45.

44. *Meu Nenê*, v. 3, n. 29, setembro de 2000, p. 76-79.

p. 125), o futebol é um esporte “de forte tradição masculina”, que “possui no Brasil um poder interpelativo que atravessa as diferentes relações”.

No final da reportagem, em um *box* com o título “Meninas na área”, afirma-se que as meninas estão se interessando pelo futebol e

por preconceito e por padrões culturais, as meninas buscam essas aulas [escolinhas de futebol] já mais velhas, geralmente a partir dos 12 anos. Há aquelas que se destacam e jogam um bolão. Contudo, é difícil uma garota superar um menino. Isso acontece por causa da constituição física, da habilidade motora e da própria falta de oportunidade, já que os meninos têm contato com a bola bem antes (p. 79).

Assim, para as meninas o futebol não tem o mesmo significado; elas não são representadas, nem têm suas vozes referendadas no artigo. O pequeno quadro que as cita no final apenas justifica (principalmente pela sua incapacidade física e motora) por que elas não são tão capazes quanto os meninos. No mesmo sentido, Costa (2002, p. 17) advoga que “naturalizar todos os atributos *deficitários* do gênero feminino foi a lógica construída nesta episteme [ciência moderna] para justificar as estratégias de dominação, exclusão e exploração que se exercem, há séculos, sobre as mulheres”.

#### Apontamentos

Este artigo apresenta como objeto de análise os discursos que vêm constituindo as subjetividades maternas e as identidades de gênero, desde a mais tenra infância, atualmente. Focalizei, em especial, o segmento da mídia impressa destinada a um grupo de mães e de pais – as revistas *Meu Nenê e Família*, *Pais & Filhos* e *Crescer em Família*, mas entendo que os discursos que ali circulam também circulam em outras instâncias do cotidiano e, até mesmo, em ambientes tidos como acadêmicos, como as escolas e as Faculdades de Educação, por exemplo. Nesse sentido, as pedagogias culturais, aqui objeto de estudo, mostraram-se produtivas ao colocarem em marcha discursos, saberes, condutas, subjetividades e práticas.

A partir da leitura interessada das cinquenta e três edições do conjunto das três revistas, observo que o *governo* da maternidade é o grande foco das revistas de infância. Já os pais são pouco interpelados ou mesmo representados nessas revistas, porque, talvez, não sejam vistos como responsáveis por seus filhos e filhas.

Além disso, os artigos sobre alimentação, esporte, linguagem, dentre outros, veicularam discursos que, em sua maioria, seguiam a lógica da prescrição de papéis e estereótipos de gênero, a qual, muitas vezes, era justificada pelo discurso biológico e psicológico, através da fala de especialistas consultados, que naturalizam e universalizam questões histórica e culturalmente produzidas.

Por fim, pode-se dizer que, nas edições aqui analisadas, as identidades de gênero são apresentadas como dadas pela materialidade dos corpos que, em decorrência de complexos processos históricos, foi atrelada a algumas características de como ser mulher ou homem. Nicholson (2000) contrapõe-se a esse essencialismo, propondo que pensemos a palavra *mulher* (assim como *homem*) como uma “palavra cujo sentido não é encontrado através da elucidação de uma característica específica, mas através da elaboração de uma complexa rede de características” (p. 35). A naturalização das supostas características femininas e masculinas apresentadas nas matérias analisadas não problematiza seus efeitos e seu caráter discursivo que se encontra imerso em relações de poder.

### Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- BUJES, Maria I. E. Criança e brinquedo: feitos um para o outro? In: COSTA, Marisa V. (org.). *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2000, p. 205-228.
- BUJES, Maria I. E. *Infância e maquinarias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- COSTA, Marisa V. Novos olhares na pesquisa em educação. In: COSTA, Marisa V. (org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 13-22.
- COSTA, Marisa V.; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luís Henrique. Estudos Culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, p. 36-61, maio/jun./jul./ago. 2003.
- DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Allan. *Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- FISCHER, Rosa M. B. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 59-80, jul./dez. 1997.
- FISCHER, Rosa M. B. *Televisão e educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1982.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 18 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- FRAGA, Alex Branco. *Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GIROUX, Henry. Os filmes da Disney são bons para seus filhos? In: STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe (orgs.). *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2001, p. 87-108.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUKE, Carmem. La infancia y la maternidad y paternidad en la cultura popular infantil y em las revistas de cuidados infantiles. In: LUKE, Carmem. (comps). *Feminismos y pedagogías en la vida cotidiana*. Madrid: Ed. Morata, 1999, p. 160-176.

NARANJO, Maria del Pino Lecuona. Educamos para la igualdad? Disponível em: <<http://www.cica.es/aliens/revfuentes/num2/tema3.htm>>. Acesso em: 15 maio 2003.

NECKEL, Jane F. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira L.; NECKEL, Jane F.; GOELLNER, Silvana V. (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

NICHOLSON, Linda. Interpretando gênero. *Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

ROSE, Nikolas. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 30-45.

SANTOS, Cláudia Amaral dos. *A invenção da infância generificada: a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 190-207.

WOOLLETT, Anne; PHOENIX, Ann. La maternidad como pedagogía: la psicología evolutiva y los relatos de madres de niños pequeños. In: LUKE, Carmem (comps). *Feminismos y pedagogías en la vida cotidiana*. Madrid: Ed. Morata, 1999, p. 87-105.

*Recebido em 23 de março de 2005 e aprovado em 06 de maio de 2005.*